



## JOVENS DO NORTE INTERANGINDO COM JOVENS DO SUL DO BRASIL

### Um diálogo de saberes ambientais por meio do Facebook

**AUTORA:** Marianela Laura Quisbert

**Grupo de trabalho:** GT-24 EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA

Esse trabalho é como um rio que nasce de gota em gota, transita por sendas que ele mesmo constrói, chega a se converter num forte e caudaloso ‘ser’ em movimento, achando e fortalecendo-se com outros rios no caminho. Possivelmente na sua trajetória formará um grande espaço onde muitos seres podem conviver, um meio para que eles possam fluir e estar neste fresco contato com a vida de outros seres vivos, que ainda sem ter contato direto, estão na mesma corrente, no mesmo movimento. Pode-se perceber que depois de nascer, as ações destes seres vão se comunicando, mesmo sem estarem fisicamente juntos, eles estão perto, aprendendo, ensinando, vivendo.

Aonde se quer é chegar, procurando a força e os diferentes fluíres de outros rios, às vezes com muita correnteza e às vezes com obstáculos no caminho, no entanto se avista desde o início o horizonte muito amplo e aparentemente sem movimento. Será que o rio, ao chegar ao mar, não terá mais que correr com aqueles outros afluentes que foi conhecendo no caminho? Aqueles que ainda sem ser parte de sua procura, simplesmente já não estão ali, no seu destino, aquele serão o lugar final que eles esperavam alcançar? Existe a possibilidade de que cada ser, que foi aparecendo no caminho desde a nascente, não saiba o que queria achar, mas chegando resolve suas dúvidas num enriquecedor espaço onde as turbulências não rompem aquelas relações feitas. O que se pode saber das conexões da vida será a riqueza que cada um levará a seu ambiente, onde quer que ele tenha ido, é um lugar onde possivelmente pode dialogar com outros seres, sem importar muito as distancias, mas no mesmo fluir até chegar ao final.

#### **Da nascente ao fluir: a construção da pesquisa**

Na intenção de materializar as reflexões que a vida que rodeia ao ser humano oferece, se apresenta esta pesquisa e como ela nasce a partir de uma ideia inspirada nos rios que aparecem na natureza que ensinam esse movimento que está se gerando também nos espaços digitais. Cumprindo os requerimentos da academia, como parte do Programa de Pós-Graduação de

Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins de Cametá, na linha de pesquisa Educação Básico, Tecnologia e Movimentos Sociais, como pesquisadora procurei uma orientação no Norte e no Sul do Brasil, para conseguir atingir estas duas realidades. É assim que surgiu a parceria com a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), conseguindo um diálogo não só inter-regional, mas também interinstitucional.

Dessa forma, esta pesquisa foi direcionada a refletir sobre estas realidades educativas de escolas e as dinâmicas na estrutura educacional formal em diferentes regiões da sociedade brasileira com suas particularidades a nível geográfico e acesso tecnológico e o que acontece na vida dos jovens que absorvem toda esta movimentação.

O acesso aos estabelecimentos escolares na Amazônia, no caso as escolas ribeirinhas do município de Cametá no estado do Pará, no rio Tocantins, é através de um barco como transporte escolar que leva aos alunos de suas casas até a instituição educativa. Na região gaúcha, município de Candelária, no Rio Grande do Sul, alguns alunos, apenas aqueles que moram em uma das margens do rio Pardo, chegam à escolas em vans. Os outros alunos, que moram na outra margem do rio, atravessam à pé por uma ponte de madeira. Estas duas regiões serão conectadas nesta pesquisa gerando um espaço digital dentro de uma rede social, a mais usada pelos jovens na atualidade, no qual eles possam se encontrar e compartilhar seus saberes.

O espaço virtual é aqui entendido como o aquele espaço digital gerado pela tecnologia na criação de novos lugares para que o ser humano possa se relacionar, vencendo as barreiras de tempo, espaço e distância. Com a possibilidade de contatar novos ‘amig@s’ de regiões distantes e com interesses comuns, podem-se descobrir ou gerar novos saberes e até conhecimentos.

Na atualidade, existe a necessidade de refletir acerca da concepção de uma comunidade virtual por meio de uma mídia social, como o Facebook, e as interações digitais da juventude. Nesta pesquisa, se propõe um espaço virtual que possivelmente gere um diálogo de Saberes Ambientais entre estudantes jovens de quatro escolas de regiões geograficamente diferentes, duas da Região Norte e duas da Região Sul do Brasil.

Entre março e dezembro 2016, estive no estado do Pará, entre Cametá, Bragança e Belém cursando matérias no programa e com visitas ao hospital pela falta de resistência ao clima e a grande mudança que me ocasiono este estudo. Em janeiro e fevereiro de 2017, tive a oportunidade de ir a Candelária, Rio Grande do Sul, donde recebida com muita amabilidade pelas famílias de lá e ainda procurando um equilíbrio na minha saúde, visitei as duas escolas selecionadas de maneira estratégica, para propor o projeto às diretoras, que aceitaram com muita resiliência, emoção e até o jornal da cidade ficou interessado em saber desta movimentação de saberes a partir de seus jovens com os jovens da Amazônia Brasileira.



Já entre março e agosto de 2017, estive em Florianópolis, Santa Catarina cursando duas matérias na UDESC como parte de minha planificação e para poder interagir com minha orientadora Ademilde S., professora que dirige o grupo de pesquisa EDUCOM Floripa, ao qual foi convidada em participar. Com admiração pelos pesquisadores que conheci fiquei atenta, o melhor que pude, para aprender de cada um e compartilhar experiências, impressões, projetos e debates sobre educomunicação e seus impactos na educação e na sociedade em geral.

Por fim, desde agosto, encontro-me novamente em Cametá. Cursando a últimas matérias do meu estudo e para a defesa do projeto. Comunicando-me com os jovens das escolas descritas detalhadamente no primeiro capítulo e que foram selecionadas de tal maneira se pudesse ter um olhar tanto urbano e rural de ambos municípios, Cametá e Candelária. No percurso da pesquisa surgiram imprevistos como a possível renúncia de uma professora da escola da cidade de Cametá e foi então que esta escola deixa de participar, situação que permitiu a participação de outra escola ribeirinha muito interessada. Pretende-se explicar toda esta dinâmica que se gera nas escolas no capítulo IV deste documento.

O meu descolamento físico foi realizado nesses espaços geográficos com o apoio da bolsa Capes que é a que me sustenta no Brasil e que prudentemente tenho que administrar. Esta movimentação foi um desgaste a nível físico, emocional e com serias repercussões na minha saúde, o que só suportei com o animo dos sorrisos que achei no meu caminho de gente cheia de vida, jovens e professores que são agora minh@s amig@s nas redes sociais, Facebook e Whatshap.

Para que este encontro de jovens seja possível, foram necessários não somente ideias, mas ações, idas e vindas, para ter um contexto real das reais possibilidades a nível geográfico, tecnológico e principalmente Educomunicativo. Contudo, será que os jovens e professoras do Sul e do Norte, os participantes dessa pesquisa, conseguirão realizar essas idas e vindas através de um espaço digital?

Procura-se responder as dúvidas que surjam e as questões norteadoras escritas no primeiro capítulo, ao longo da pesquisa. Tendo um movimento vivo nesta proposta que tão complexa como o ser humano, pode ver-se desde qualquer ponto e aprender, ensinar ou compartilhar algo ‘vivo’ como sugere a concepção Biorrizomática. As concepções do projeto – a Educomunicativa e a Biorrizomática – serão fundamentais na proposição teórica desta pesquisa, e serão explicitadas no segundo capítulo.

A hipótese a ser confirmada ou refutada após análise dos indicadores de diálogo consiste na afirmação da possibilidade de diálogos construtores de saberes por meio de uma mídia social. Neste contexto, se identifica e se avalia quais serão as contribuições que podem surgir a partir da interação para fundamentar uma proposta de sensibilização ambiental da

juventude para o respeito ao seu Meio Ambiente, o que se traduz também num respeito entre eles e uma valorização de suas culturas.

Este é o preâmbulo para entender o que se quer fazer, e já no fluir pode-se sentir o valor das perguntas e das dúvidas, que ajudam a entender a essência das coisas e seu sentido, deixando ver o porquê da existência desta pesquisa, neste tempo, neste lugar, neste espaço e com estes atores e sujeitos.

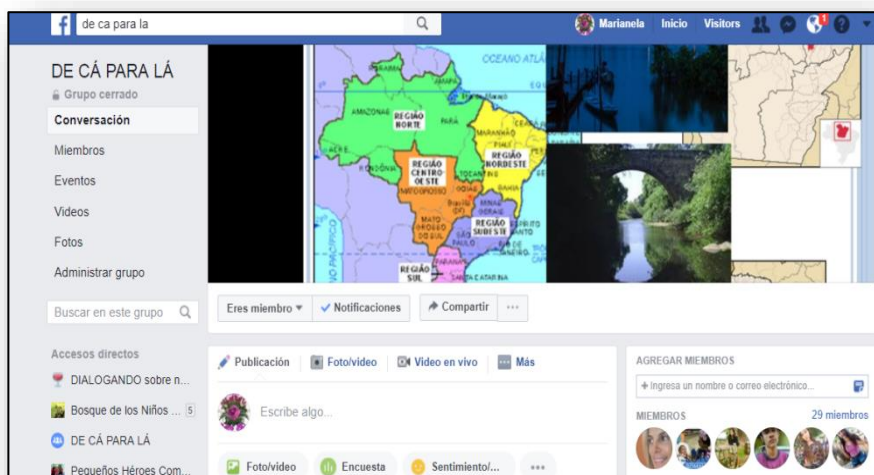
### Fluido até chegar: avistando o final

Os jovens dialogam criando com sua participação “num espaço que propicia a convivência segura na diversidade” (ISAACS, 1999). Neste processo, se propõe aos jovens um diálogo de sentidos e saberes de coletividade no princípio da complementaridade de práticas ambientais, como defende Enrique Leff (2013).

Pretende-se partir de alguns indicadores de diálogo como: a ocorrência de eventos de igualdade e empatia dentro do grupo (YANCHELOVICH, 2001), a necessidade de horizontalidade (BUBER, 1979) (FREIRE, 1987) e as quatro habilidades a ser desenvolvidas nos jovens como aprender a falar, a ouvir, a suspender os pressupostos e a respeitar (ISAACS, 1999); se realiza uma análise de conteúdo dos comentários que provocaram as interações dos jovens com e sem intervenção.

Em julho de 2017, foi criado um grupo fechado no Facebook, intitulado “De cá pra lá”, um nome decidido coletivamente pelos jovens. O nome do grupo surgiu, inicialmente, por uma sugestão dos jovens.

Figura 1. Grupo facebook “De cá para lá” (Elaboração Propria)

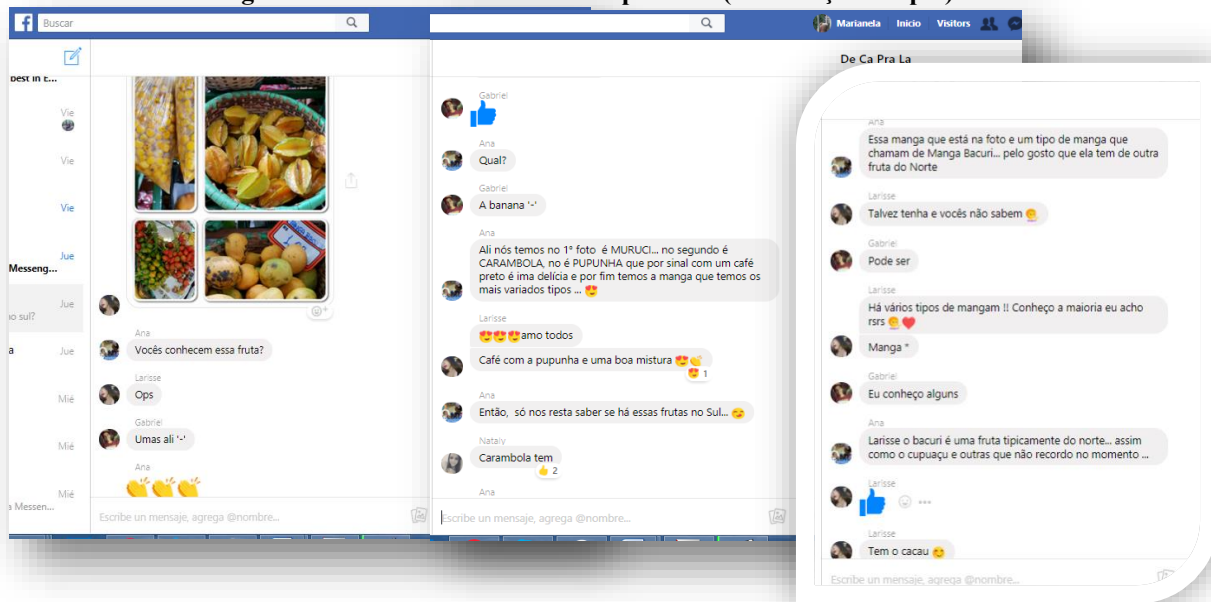


Primeiramente, os alunos do Sul e do Norte se apresentaram através de um vídeo. Os vídeos foram postados no grupo fechado do Facebook entre julho e agosto de 2017. Na sequência, foi criado o chat de conversas no Messenger, que é o aplicativo do Facebook para conversas instantâneas. O nome do chat é o mesmo do grupo fechado: “De cá para lá”. A partir



descrevem na seguinte figura:

Figura 2. Conversa de Chat “De cá para lá” (Elaboração Propria)



O resultado desta análise permite a confirmação ou não da hipótese proposta e este movimento traz consigo a possibilidade de refletir o que se gerou nos jovens neste intento de diálogo. Os dados são fornecidos pelas interações entre os jovens participantes e, também, pelas professoras que os orientam. A informação recolhida é subjetiva, pautada na narrativa dos comentários postados no grupo de Facebook, também é obtida por meio de entrevistas com as professoras.

A metodologia é qualitativa e o método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o da pesquisa-ação, “que permite uma ação coletiva orientada em função a resolução de um problema” (THIOLLENT, 1986). A pesquisa se apresenta como “descritiva de interação no mundo digital” de dois diferentes grupos de jovens, de duas diferentes regiões do Brasil, norte e sul. Para a coleta de dados, se aplicam técnicas como entrevistas individuais, diário de campo e análise de documentos. A partir de uma análise de conteúdo se fará uma apresentação dos resultados das interações desenvolvidas pelos jovens.

O processo estará acessível para os estudantes e professores, bem como diretores das escolas e famílias, pois, ainda que se trate de um grupo fechado do Facebook, essas pessoas terão acesso ao grupo, que sem poder interagir poderão acompanhar o processo

e ainda aportar na reflexão final, se for o caso. Com o projeto em andamento, os riscos serão tomados em conta sempre pela pesquisadora, como manter os princípios da metodologia da pesquisa e um ambiente virtual seguro e garantido para os jovens e professores participantes. Preservando o anonimato dos jovens participantes da pesquisa os resultados serão difundidos por meio de publicação de artigos científicos e como apoio na elaboração de propostas das professoras para as escolas participantes no seu plano de trabalho.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AMANTE, L.(2014). **Facebook e novas sociabilidades** contributos da investigação In C. a. PORTO, Facebook e educação: publicar, curtir, (pp. 27-46). Campina Grande: EDUEPB.
- ARIMA, Kátia; MORAES, Maurício. O futuro da web está no Facebook? **Rev Info**. Fev. 2011. São Paulo: Abril, 2011, p. 22-37.
- AZEBEDO, C. (2013). Por uma Educação Ambiental biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais. Tese (doutorando em Educação Ambiental) UFRG, RS.
- COUTO, E. S. (2014). Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades In C. a. PORTO, Facebook e educação: publicar, curtir, (pp. 47-65). Campina Grand: EDUEPB.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ISAACS, William. **Dialogue and the Art of Thinking Together**: a pioneering approach to communicating in business and in life. New York: Doubleday, 1999.
- KAPLÚN, M. (1998). Uma Pedagogia de la Comunicaci3n. Madrid: Ed. De La Torre.
- LEFF, E. (2013). *Racionalidad Ambiental. La reapropiaci3n social de la naturaleza*. Mexico: Siglo XXI editores.
- SANTOS T. & ROSSINI E. **Comunidade REA-Brasil no Facebook** um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In C. a. PORTO, Facebook e educação: publicar, curtir, (pp. 85-112). Campina Grande: EDUEPB.
- SCHEIN, Edgar. On Dialogue, Culture and Organizational Learning. In: ISAACS, William. **Organizational Dynamics**, v. 22, n. 2, autumn 1993.
- VIERA PINTO, A. Consciência e Realidade Nacional. *Álvaro Vieira Pinto*,. Rio de Janeiro, ISEB, 1960, vol. II, p.284. '
- VIZZOTTO, Lucimara. Representação de mundo – iniciando um trabalho psicopedagógico em interface com uma geografia fenomenológica. Em Geografia e Educação Geração de Ambiências. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2000.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 31, n. 3, p. 443-466, Dec. 2005